

## INCIDÊNCIA DE SINAIS DE RACISMO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Kaue Bandeira Okasaki<sup>1</sup>, Gustavo Hideki K. Shimizu<sup>1</sup>, Lucas de Oliveira Lacerda<sup>1</sup>, Danielle Boin Borges<sup>1</sup>, Felipe Coelho Senna<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Colégio Status – Campo Grande - MS

<sup>2</sup>Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - Corumbá - MS

[kaueokasaki@gmail.com](mailto:kaueokasaki@gmail.com), [danboin@gmail.com](mailto:danboin@gmail.com)

### Resumo

Ideologicamente, o preconceito contra os negros é quase sempre totalmente negado, e o brasileiro se gaba com orgulho de sua falta de preconceito. Contudo, não é isso que vemos no dia a dia. Assim, o presente estudo tem como objetivo verificar se são encontrados sinais de racismo em adolescentes. Para isso, foram elaborados questionários para adolescentes de 12 a 14 anos e feitas pesquisas sobre reportagens em que pessoas negras tenham sofrido com o racismo. Os resultados obtidos mostraram que embora 87,5% dos adolescentes tenham respondido que gostam igualmente de pessoas de pele clara e de pele escura e embora houvessem entrevistados com o tom de pele escura, nenhuma pessoa relatou possuir pele escura ou muito escura, o que pode mostrar um preconceito racial velado. As informações do trabalho mostram que ainda existem sinais de preconceito racial, embora muitas vezes, se fale o contrário.

**Palavras-chave:** Preconceito racial, cor da pele e entrevistados.

### Introdução

O Brasil é um país que passou por um longo período de escravidão, sendo o penúltimo país da América Latina a realizar oficialmente a libertação dos escravos (1888), atrás somente de Cuba (1886) (Martins, 2018). Contudo, pesquisadores relatam que apenas a liberdade do ir e vir dos escravos, na época, foi garantido pelo Estado. Nenhuma política de inclusão social daquela população, que por quase quatro séculos tiveram os seus direitos humanos negados, foi instituída pelo poder público. Os negros ficaram entregues à própria sorte, não tendo moradia, trabalho, acesso à saúde, educação; sem cidadania (Ramos, 2018). Ou seja, continuaram à margem da sociedade.

Somente passados cem anos, é que foi estabelecido no Brasil, através da Constituição Federal de 1988, que o racismo fica configurado como crime de acordo com o art. 5º, XLII: “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (Constituição, 1988).

Neste ano, 2018, são comemorados os 130 anos da Abolição dos Escravos, porém o racismo ainda está presente na nossa sociedade. Por mais que nas escolas seja ensinado toda a triste história da escravidão, e que racismo é configurado

como crime na Constituição de 1988, infelizmente ainda vemos essa ação ocorrer no nosso cotidiano.

Enfim, foi esse contexto que o tema despertou o interesse para a pesquisa. Saber se ainda existe racismo na nossa sociedade, mais especificamente no meio onde esta pesquisa foi realizada, como ele é perpetuado e o meio pelo qual ele é transmitido.

Ideologicamente, o preconceito contra os negros é quase sempre totalmente negado, e o brasileiro se gaba com orgulho de sua falta de preconceito (Rosenfeld, 1993). Contudo, não é isso que vemos no dia-a-dia, nas reportagens de jornais (impressos e televisivos) e em revistas.

Desta maneira, o presente estudo tem como objetivo verificar se são encontrados sinais de racismo em crianças e adolescentes entre 12 a 14 anos e investigar reportagens que relatem pessoas anônimas ou famosas que tenham sofrido algum tipo de preconceito racial.

### Metodologia

Para a realização do projeto, foram elaborados questionários para serem entregues para adolescentes de 12 a 14 anos. Os adolescentes estudados preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com informações referentes ao trabalho, deixando claro que este trabalho que a participação é voluntária e que nenhum de seus dados pessoais seriam divulgados.

O questionário continha sete perguntas objetivas, com as seguintes perguntas:

1. Qual das alternativas melhor descreviam a pessoa;
2. Classificar as atitudes de acordo com o sentimento;
3. Responder qual o próprio tipo de pele;
4. Se acreditavam que os grupos raciais deveriam ser colocados em um certo grupo;
5. Se algum grupo deveria dominar a sociedade;
6. Se os rendimentos deveriam ser igualitários.

Também foram feitas pesquisas sobre reportagens em que pessoas públicas ou anônimas que tenham sofrido com o racismo e onde foi o ocorrido. Pretende-se ainda aplicar o teste IAT (Teste de Atitudes Implícitas) para melhor avaliar os resultados obtidos.

### Resultados e Discussão

Os resultados obtidos mostraram que embora 87,5% dos adolescentes tenham respondido que gostam igualmente de

peças de pele clara e de pele escura, ainda houveram indivíduos que relataram sentimento positivo por pessoas de pele clara e sentimentos neutros por pessoas de pele escura. Embora houvessem entrevistados com o tom de pele escura, nenhuma pessoa relatou possuir pele escura ou muito escura, o que pode mostrar um preconceito racial velado. 18,7% dos entrevistados disseram concordar fortemente que algumas vezes os grupos deveriam ser colocados nos seus lugares e acreditavam moderadamente que deveriam existir grupos que dominassem a sociedade, acreditando que desta maneira teríamos menos problemas, 6% acreditavam moderadamente e fortemente que deveríamos lutar para que os rendimentos fossem igualitários.

Com as pesquisas bibliográficas foi possível encontrar diversos relatos de negros que sofreram preconceito racial, sendo eles anônimos ou não. Foi encontrado inclusive sinais de racismo em obras literárias, o que nos leva a reflexão de que este preconceito está mascarado pela sociedade, onde muitos defendem o politicamente correto, sem de fato praticá-lo.

### Considerações Finais

As informações do trabalho mostram que ainda existem sinais de preconceito racial, embora muitas vezes, se fale o contrário. Este preconceito está enraizado nas gerações e é necessário que medidas educativas e punitivas sejam tomadas para amenizar tais pensamentos.

### Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Camila Silveira de Souza e a toda equipe do Colégio Status.

### Referências

MARTINS, G. Qual foi o último país a abolir a escravidão? Revista Superinteressante - História, Mundo Estranho. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-ultimo-pais-a-abolir-a-escravidao/>. Acesso em: 5 de agosto de 2018. Publicado em: 4 de julho de 2018.

RAMOS, J. Resquícios da escravidão: as dificuldades diárias do negro. Leia Já. Disponível em: <http://www1.leijja.com/noticias/2018/05/11/resquicios-da-escravidao-dificuldades-diaras-do-negro/>. Acesso em 4 de julho de 2018. Publicado em: 11 de maio de 2018.

ROSENFELD, A. Negro, macumba e futebol. Debates - Antropologia. Editora Perspectiva. 1º Edição - reimpressão. 2000.

### INCIDENCE OF RACISM SINGS IN ADOLESCENTS

**Abstract:** *Ideologically, prejudice against black people is almost totally denied, and the Brazilian is proud of his lack of prejudice. However, that is not what we see day by day. Therefore, this study aims to verify if there are signs of racial prejudice among adolescents. Thereunto, were developed questionnaires for teenagers between 12 and 14 years and made research about news where black people have suffered from racism. The results shows that although 87,5% of adolescents answered that like equally of people with light skin and dark skin and although they had interviewed with dark-skinned, no no person reported having dark skin or very dark skin, that can shows a veiled racial prejudice. The work information shows that there are still signs of racial prejudice, although often, the speech is another.*

**Keywords:** *Racial prejudice, skin color, interviewed.*